

BRUNO DA SILVA PACHECO

Vinaya Sutra: elos e possibilidades de diálogos do budismo com a educação ambiental na contemporaneidade

MONOGRAFIA

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC - Rio como quesito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental.

Orientador: Dr. Celso Sánchez

Rio de Janeiro 20 de novembro 2016

Bruno da Silva Pacheco

Vinaya Sutra: elos e possibilidades de diálogos do budismo com a educação ambiental na contemporaneidade

MONOGRAFIA

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC - Rio como quesito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental.

Dr. Celso Sánchez

Departamento de Educação Uni/Rio

Dra. Hedy Silva Ramos de Vasconcellos

Departamento de Educação PUC/Rio

Rio de Janeiro 20 de novembro 2016

Agradecimentos

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, aos meus pais por terem sido o início de tudo que se possa considerar Educação. E em especial a minha mãe pelo apoio e suporte incondicionais para que eu pudesse chegar ao fim deste curso e começar a trilhar com meus próprios pés o belo e árduo caminho da pesquisa e da academia que ela já trilhou e ainda trilha com amor, dedicação e competência.

Ao Leon, meu filho, pelo amor e pela práxis. Sem ele eu não seria um “escrevedor” nem um educador.

A Aline pelo amor e companheirismo. Sem suas “broncas” afetivas, sem o convívio com sua personalidade prática e amorosa, sem o desejo de um dia trabalharmos juntos com esse tal de Meio Ambiente eu também não teria terminado este curso.

Amor, Trabalho e Família são a base de tudo.

Aos professores do curso de pós-graduação em Educação Ambiental da PUC-Rio. Cada um a seu modo me tocou e me incentivou a seguir nessa jornada que é tornar-se um educador ambiental.

Em especial ao professor Celso Sánchez que além de orientador tornou-se um amigo e mestre, mostrando-me que a vida não cabe no Lattes.

Por fim, ao MUDA, coletivo formado pelos colegas de classe deste curso que uniu em amizade pessoas com histórias e vidas tão distintas. A interdependência entre nós está no subtexto deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo buscar articular a educação ambiental com o conhecido texto budista Vinaya Sutra, que em sânscrito quer dizer “um discurso sobre educação”. Este código consiste em um conjunto de normas de ética e conduta dos monges budistas, escrito por volta do Século V e que formam um conjunto de práticas de cuidado com a natureza e de convivência interpessoais.

O interesse em trazer à baila estas possibilidades de diálogos entre estes ensinamentos dentro das tradições budistas e a educação ambiental, assenta-se no fato de que a situação de crise ambiental e civilizatória na qual o planeta atravessa nos exige uma discussão ética sobre a nossa relação com a natureza e entre seres humanos, na busca de uma vida em comunidade, pacífica e sustentável. É exatamente sobre este mesmo problema que o Vinaya Sutra foi escrito com a intenção de construir um código de conduta sobre a relação da natureza e sobre a convivência pacífica e harmoniosa entre seres humanos e não-humanos. Desta forma, a partir do referencial da ecologia profunda através de autores como Arne Ness, Fritjof Capra, Edgar Morin e Leonardo Boff, buscou-se correlacionar os aspectos teórico conceituais deste campo com o campo da educação ambiental e, a partir daí, encontrar correlações e elos de diálogos com os princípios desse texto da tradição budista.

Por fim, buscou-se traçar um paralelo com as grandes questões ambientais contemporâneas e a Ecologia Profunda, identificando suas semelhanças epistemológicas e propondo um cruzamento de saberes para a formação de uma “ecologia do ser” e uma consciência ambiental planetária.

Palavras Chave

Educação Ambiental, Vinaya Sutra, Ecologia Profunda, Sustentabilidade.

Sumário

1. Introdução	7
2. Princípios da ecologia profunda e a crise ambiental contemporânea	11
3. O budismo histórico e a ecologia do ser	14
3.1. Budismo além da religião: educação, filosofia e ciência	19
3.2. O Vinaya Sutra - o cânone com as normas de ética e conduta dos monges budistas	21
4. O Vinaya Sutra como um princípio da educação ambiental e os elos com a crise civilizatória contemporânea	25
5. Considerações Finais	29
6. Referências Bibliográficas	31

“Ehi Pasiko” (Vem e pratica)

Buda

1.

Introdução

O presente trabalho surgiu da necessidade pessoal de desenvolver uma pedagogia que permitisse trazer a práticas cotidianas simples, a consciência a respeito das grandes questões socioambientais do mundo contemporâneo. Minha trajetória profissional como jornalista atuante num grande centro urbano, como a cidade do Rio de Janeiro, acabou por produzir um carga de estresse, ansiedade, desânimo em minha rotina. A prática do jornalismo *hardnews* em diversos canais de televisão por quase 15 anos de atividades ininterruptas me colocou em contato com a violência urbana, com as desigualdades sociais, com as mazelas da cidade e, também, com as questões ambientais ainda tão pouco retratadas na grande mídia, salvo em casos de catástrofe real ou eminentes. A possibilidade de ver de perto fatos contemporâneos marcantes como chacinas, enchentes, confrontos por território, violência policial e o contato direto com a violência de grupos armados em comunidades onde o Estado não atua ou atua com falha provoca além do estresse, também uma profunda reflexão sobre qual o sentido da sociedade que estamos construindo.

Paralelamente ao ofício de jornalista, a prática pessoal da meditação ao longo de vinte anos e o estudo do Budismo proporcionaram uma busca continua do equilíbrio do ser em meio à esta sociedade. O convívio com monges e praticantes em um centro de budismo Zen, em um bairro da zona sul do Rio de Janeiro, me fez experimentar e acreditar em um estilo de vida mais consciente, coletivo e até mesmo ecológico e sustentável, sem que ainda tivesse travado contato com os conceitos de Educação Ambiental. A busca por uma vida com melhor qualidade, me fez repensar e mudar o cotidiano, a ponto de morar numa casa mais afastada, de optar por trocar o emprego por trabalhar em casa, por ganhar menos e ter mais tempo para mim e para o meu filho, passar a cozinhar a própria comida, fazer exercícios ao ar livre e em contato com a Natureza; Enfim, uma mudança de conduta que implica todas as questões ambientais contemporâneas e que acabou culminando na escolha desta pós-graduação. Pequenas revoluções. O que não deixa de ser já, desde sempre, e para adiante, a minha Educação

Ambiental. É a partir desta vivência e com a oportunidade de desenvolver meus estudos de pós-graduação em educação ambiental na PUC-Rio, comecei a ensaiar a possibilidade de conectar as vivências pessoais com os debates que realizávamos nas disciplinas do referido curso.

Assim, foi a partir dos diálogos e do vislumbre de conexões de conceitos e visões de mundo entre o que se aborda nas discussões e debates no campo da educação ambiental com os ensinamentos que tive a oportunidade de conhecer a partir da vivência com o budismo que percebi a possibilidade de elaborar diálogos entre estes saberes e buscar elementos que pudessem se coadunar com as propostas da educação ambiental, a partir de um referencial que nos levasse a incorporação de elementos da ecologia profunda como arcabouço para uma proposta pedagógica elaborada no contexto aqui exposto.

Desta forma, para contextualizar a proposta convém destacar que com a crise civilizatória que se agrava a cada década é preciso repensar até mesmo o conceito de sustentabilidade porque a humanidade e suas ações têm demonstrado que o mundo e seu modo de viver não se sustentam mais por muito tempo. As previsões pessimistas tanto de políticos, cientistas, pesquisadores e filósofos quanto a uma catástrofe eminente no planeta parecem não sensibilizar os chamados líderes mundiais porque essas “lideranças” estão profundamente atreladas às corporações e ao acúmulo de capital que são, na verdade, quem governa o mundo hoje dentro da lógica antropocêntrica de usar a Natureza como um meio a ser explorado. Segundo Leff (2004):

“a problemática ambiental emerge como uma crise da civilização, da cultura ocidental, da racionalidade, da modernidade, da economia do mundo globalizado. Não é uma catástrofe ecológica nem um simples desequilíbrio da economia, é um esfacelamento do mundo que conduz à coisificação do ser e à superexploração da Natureza” (pag. 9).

Nesse sentido, podemos identificar uma semelhança com a ética budista, devido ao seu caráter humanista, sobretudo por não atribuir um papel de superioridade e

domínio da humanidade em relação às outras espécies. Pelo contrário, assim como os defensores do Movimento Ecologia Profunda, a ética budista atribui à espécie humana um papel de igual valor em relação ao restante das espécies, inseridas num ecossistema global, cujas qualidades como a razão e a consciência, ao invés de lhe darem direitos de exploração, a responsabilizam pelo zelo e bem-estar de todos os seres que habitam o Planeta. Estes princípios ficam claros quando observamos uma fala recente de um dos principais líderes budistas, o Dalai Lama que observa o seguinte:

“para o sucesso da proteção e conservação do meio ambiente natural, penso que é importante primeiro de tudo fazer com que um equilíbrio interno aconteça dentro dos próprios seres humanos. O abuso do meio ambiente, que resultou em tais danos à comunidade humana, surgiu da ignorância quanto à importância do meio ambiente. Penso que é essencial ajudar as pessoas a compreender isto. Precisamos ensinar às pessoas que o meio ambiente tem uma relação direta com o nosso próprio benefício”. (1990, 53)

Nesta fala, torna-se possível identificar que para o budismo há uma forte conexão com princípios que podem ser encarados como uma forma de ecologia profunda, que busca a partir de uma ecologia do ser, ou seja, do equilíbrio interno, uma harmonização do indivíduo em relação ao meio exterior e aos demais seres humanos e não-humanos.

Para tanto, este trabalho se propõe a encontrar os elos entre uma filosofia e conduta budistas com o pensamento dos saberes ambientais e da ecologia profunda, dialogando com autores destas áreas, bem como autores e historiadores do Budismo para mostrar que as grandes questões ambientais do mundo contemporâneo já eram uma preocupação para o Buda e seus seguidores há aproximadamente 2.600 anos, o que denota uma postura visionária do Budismo ou, o que é pior, a incapacidade do ser humano de resolver os problemas socioambientais desde tempos imemoriais.

Dadas as suas características compassivas e de equanimidade o *Dharma* (conjunto de ensinamentos do Buda que vieram a caracterizar o que se pode chamar de filosofia budista) assume particular importância em alguns setores do movimento ecológico, tendo sido, inclusive, fonte de inspiração na construção da filosofia ecológica

de Arne Naess – filósofo fundador do Movimento Ecologia Profunda (MEP). O Budismo pode ser visto como uma tradição filosófica agnóstica, que promove uma visão humanista universal, transcendendo, assim, o paradigma antropocêntrico e reconhecendo o papel protagonista do conhecimento científico ecocêntrico na construção dos valores sociais. São diversos os conceitos da filosofia budista que podem ajudar na construção de modelo para uma sociedade mais sustentável nos dias de hoje.

Neste sentido, este trabalho coloca como questão central o seguinte: Como o Vinaya Sutra, o código de ética e conduta dos monges budistas, pode dialogar com o campo da ecologia profunda e em que medida estes diálogos podem nutrir a Educação Ambiental? Ou seja, o que podemos aprender com a prática ecológica da comunidade budista para fazer desta uma vida mais igualitária, coletiva, saudável, pacífica e sustentável? E de que forma a Educação Ambiental pode dialogar com estes ensinamentos?

É neste sentido que o Vinaya Sutra, o código de ética e conduta do Budismo vai servir como arcabouço deste trabalho para demonstrar que as grandes questões ambientais pelas quais a humanidade passa no momento atual de crise social, tais como preservação ambiental, cuidado e tratamento dos recursos hídricos, reciclagem e reutilização de materiais e o sentido de evitar o consumismo desenfreado e minimizar a obsolescência programada, bem como os conceitos de mobilidade urbana, consciência coletivo-planetária, o senso de pertencimento à Natureza e o respeito e a compaixão por todos os seres, já estavam no centro das discussões entre o Buda e seus discípulos muito antes que as religiões e o próprio conceito da Educação Ambiental existissem.

2.

Princípios da ecologia profunda e a crise ambiental contemporânea

“Em certa ocasião, um rio da Noruega foi condenado à destruição para que fosse construída uma grande hidrelétrica. As margens do curso d’água seriam inundadas para que se fizesse o lago da barragem. Um nativo do povo Sami recusou-se, então, a sair do lugar. Quando, finalmente, foi preso por desobediência e retirado dali à força, ele não teve opção. Mais tarde a polícia perguntou-lhe por que se recusara a sair do rio. Sua resposta foi lacônica:

Este rio faz parte de mim mesmo”.

(AVELINE,Cardoso in "A Vida Secreta da Natureza", introdução, *ed. Bodigaya, Porto Alegre 2007*)

A Ecologia Profunda surge no início da década de 70 do século passado pelo filósofo norueguês Arne Naess e trata de uma resposta ao paradigma dominante e à visão dominante sobre o uso dos recursos naturais. O termo foi criado para contrapor o conceito de "ecologia rasa", ideia vigente de que os humanos são o centro de tudo e a natureza somente um manancial a ser explorado. Segundo a Ecologia Profunda, cada elemento da natureza, inclusive a humanidade, deve ser preservado e respeitado para garantir o equilíbrio do sistema da biosfera.

Em a Teia da Vida, Capra considera que a questão dos valores é fundamental para a ecologia profunda, chegando a ser sua característica definidora central. Enquanto o velho paradigma está baseado em valores antropocêntricos (centralizados no ser humano), a ecologia profunda está alicerçada em valores ecocêntricos (centralizados na Terra). É uma visão de mundo que reconhece o valor inerente da vida não - humana. Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências. Assim como a filosofia budista e a teoria da complexidade de Edgar Morin, a Ecologia Profunda propõe um novo paradigma. Em A Teia da Vida, Capra deixa claro que quando a percepção ecológica profunda se tornar parte da consciência cotidiana, um novo sistema de ética radicalmente novo vai emergir. Para os pensadores da EP essa nova ética é extremamente necessária nos dias de hoje,

especialmente na ciência. Eles consideram que a ótica cientista atual não atua no sentido de promover a vida nem de preservá-la, mas sim no sentido de destruir a vida com físicos projetando sistemas de armamento que ameaçam eliminar toda espécie de vida do planeta, com químicos contaminando o meio ambiente global e biólogos colocando à solta cada vez mais novos e desconhecidos tipos de microrganismos sem saber as consequências, além de psicólogos e pesquisadores torturando animais em nome do progresso científico. Com todos esses padrões de comportamento é de máxima urgência introduzir novos padrões “ecoéticos” na ciência que ainda acredita, desde o século XVII, que fatos científicos são independentes daquilo que a sociedade faz, como se fossem independentes dos nossos valores, embora grande parte das pesquisas detalhadas possa não depender explicitamente do sistema de valores do cientista, o paradigma mais amplo, em cujo âmbito essa pesquisa é desenvolvida, os cientistas são responsáveis pelas suas pesquisas não apenas intelectual mas também moralmente.

Dentro do contexto da ecologia profunda, a visão segundo a qual esses valores são inerentes a toda a natureza viva está alicerçada na experiência profunda, ecológica ou espiritual, de que a natureza e o eu são um só.

No Brasil, a Ecologia Profunda tem seu maior defensor e divulgador o teólogo e humanista Leonardo Boff que embasa toda sua filosofia na capacidade do humano de se emocionar, de desenvolver afeto e, por isso, afetar-se pelo outro, seja ele humano ou não-humano. Segundo Boff, através do *pathos* e não do *logos* a Humanidade foi capaz de construir o mundo através de uma teia de afetos, já que o sentido e conceito de CUIDADO seria ontológico para o todos os seres, que tem no cuidar a garantia da sobrevivência da espécie. Em seu Saber Cuidar, para Boff o eu somente se constitui mediante a dialogação com o tu, como o viram psicólogos modernos e, anteriormente, filósofos personalistas. O tu possui uma anterioridade sobre o eu. O tu é o parceiro do eu.

Neste sentido, o teólogo propõe a ética do humano, tópicos de ação e atenção que devemos ter para enfrentar os grandes problemas contemporâneos da ecologia e da humanidade, no sentido de desenvolvêrmos uma sociedade mais justa, amorosa e sustentável. É preciso saber cuidar do nosso único planeta, do próprio nicho ecológico, cuidar da sociedade de forma sustentável, além, é claro, do cuidado com o outro, uma

atenção especial e solidária com os pobres, oprimidos e excluídos, cuidar de nosso corpo na saúde e na doença, cuidar do ser humano de forma integral, cuidar da alma no sentido de zelar por nossos anjos e demônios (pensamentos) internos e cuidar de nosso espírito no sentido de permitir nossos sonhos e religar-nos ao Deus ou ao Cosmos e, por fim, cuidar da grande travessia que é a morte, destino final e inevitável de cada ser vivente em todas as épocas. Quase como um budista o discurso de Boff se aproxima do de Buda ou de Dalai Lama nos tempos atuais:

Dar centralidade ao cuidado não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo. Significa renunciar à vontade de poder que reduz tudo a objetos, desconectados da subjetividade humana. Significa recusar-se a todo despotismo e a toda dominação. Significa impor limites à obsessão pela eficácia a qualquer custo. Significa o fim da ditadura da racionalidade fria e abstrata para dar lugar ao cuidado. Significa organizar o trabalho em sintonia com a natureza e suas indicações. Significa respeitar a comunhão que todas as coisas entretêm entre si e conosco. Significa colocar o interesse coletivo da sociedade, da comunidade biótica e terrenal acima exclusivamente dos humanos. Significa colocar-se junto e ao pé de cada coisa que queremos transformar para que ela não sofra, não seja desenraizada de seu habitat e possa desenvolver-se e co-evoluir junto com seus ecossistemas e com a própria Terra. (Boff, pag 05)

A ecologia profunda, na medida em que propõe a reinterpretação e a recolocação do homem na Natureza, pode ser apontada como alternativa as melhorias que esperamos no mundo, pois a mudança do comportamento humano diante da Natureza está condicionada ao reconhecimento da espécie como parte integral e indissociável.

3.

O budismo histórico e a ecologia do ser

Antes de mais nada, para se chegar a discutir o Vinaya Sutra, o Budismo e suas implicações na Educação Ambiental no mundo contemporâneo, é preciso entender quem foi Sidarta Gautama – o Buda. Filho do rei Sudodana, do reino dos Shakyas - o que faz com que em muitos casos da literatura budista se encontre referências ao Buda Shakyamuni, ou seja, o Buda histórico ou do reino dos Shakyas. A Índia já era neste tempo uma sociedade de castas com extrema desigualdade social, fundamentada em uma religião primitiva e politeísta– o Hinduísmo – que reforçava através de seu dogma a realidade social de sua população.

O sistema da sociedade hindu era categorizado em **cores** ou **castas** (sâncsc. *varna*):

- **brâmanes** (sâncsc. *brahmanas*): sacerdotes, magos, religiosos e filósofos hindus, responsáveis pelos sacrifícios e rituais sagrados. Segundo os hindus, os brâmanes teriam nascido da boca do deus Brahma e seriam caracterizados pela **bondade** (sâncsc. *sattva*).
- **guerreiros** (sâncsc. *kshatriyas*): reis, nobres, autoridades, senhores feudais, oficiais e guerreiros da realeza, responsáveis pelo poder político e militar. Segundo os hindus, os guerreiros teriam nascido do braço direito de Brahma e seriam caracterizados pela **paixão** (sâncsc. *rajas*).
- **provedores** (sâncsc. *vaishyas*): mercadores, artesãos, camponeses e burgueses arianos. Segundo os hindus, os provedores teriam nascido das coxas de Brahma e seriam caracterizados tanto pela **paixão** (sâncsc. *rajas*) quanto pela **ignorância** (sâncsc. *tamas*).
- **servos** (sâncsc. *shudras*): trabalhadores braçais. Segundo os hindus, eles teriam nascido dos pés de Brahma e seriam caracterizados pela **ignorância** (sâncsc. *tamas*).

Abaixo desse sistema estavam os **intocáveis** (sânsc. *pahria*), que não teriam nascido de Brahma e portanto eram considerados inferiores, indignos de pertencer a uma casta. Totalmente discriminados, os intocáveis viviam cercados pela fome, miséria, doença e sofrimento. Mais tarde, essa estrutura social seria totalmente rejeitada pelo Buda, que considerava que todos os seres têm a mesma natureza.

Essa ordem social era tida como sancionada pelo próprio *brahman* (Absoluto) e era totalmente impossível a um indivíduo passar de um grupo para outro. Os brâmanes compunham a classe mais privilegiada e só por intermédio deles era possível obter-se uma vida feliz. Além da crença nos deuses, eles ensinavam a doutrina das vidas sucessivas a que todos os seres estavam sujeitos, sem exceção. Segundo essa crença, todo ser possuiria uma alma, ou *atman*, que se reencarnaria sucessivamente nas mais diversas formas, segundo a natureza dos atos praticados nas vidas anteriores — o *karma*. Essa cadeia de reencarnações — *samsara* — era conhecida como um mal a que o indivíduo devia escapar, recorrendo à fé nos deuses e nos brâmanes, seus representantes, e à prática de exercícios ascéticos e de ioga.

Por volta do século VI a.C., a Índia entra num período de progresso e desenvolvimento material. As cidades já existentes começaram a se juntar em reinos cada vez maiores, caminhando a passos largos para a unificação. O progresso do comércio e da indústria, bem como o fortalecimento do estado monárquico, criaram uma atmosfera livre e aberta às mais amplas discussões, surgindo uma série de pensadores que criticaram amplamente a ortodoxia bramânica. Entre esses pensadores, o que maior influência exerceu foi precisamente Siddhartha Gautama, vulgarmente conhecido como *Buddha*, palavra que quer dizer Sábio, Iluminado ou Desperto. (SASAKI, Ricardo in O Outro Lado do Espiritualismo Moderno ed. Vozes, Petrópolis, 1995)

Este sistema de castas também vigorava no reino do clã Shakya. Naquela época, a Índia estava dividida em pequenos reinos. Havia uma grande diversidade de idiomas, muitos dos quais presentes até hoje. O reino de Shakya localizava-se entre o norte da Índia e as montanhas do Himalaia, no sul de Nepal. Sua capital, a cidade de Kapilavastu, ficava no vale oeste do rio Rohini (atual Kohana, afluente do Ganges), a nordeste de Varanasi (Benares) e a noroeste de Patna, perto de Garakhpur.

Apesar de sua grande atividade agrícola — particularmente de arroz e gado —, o clã dos Shakyas estava passando por graves problemas políticos; o reino não era completamente independente e tinha de pagar tributos ao país vizinho, Koshala. Neste ambiente nasceu Sidarta Gautama, criado para tornar-se o príncipe e herdeiro de seu reino. Para tanto, Sudodana, o rei e também o pai, não poupou esforços. Sidarta foi criado no meio de luxo e riqueza, foi educado para ser um guerreiro, dominando as artes marciais e disciplinas como astronomia, matemática, história e diversos idiomas da época, para que fosse capaz de ampliar o reinado do clã dos Shakyas.

É bom deixar claro que o objetivo deste trabalho é ater-se ao Buda histórico e seus ensinamentos, por isso serão deixadas de lado todas as referências esotéricas ou místicas da vida de Sidarta Gautama. Mas vale ressaltar que o pai, ao perceber no jovem príncipe uma tendência ao isolamento e à contemplação tratou de arranjar um casamento com o objetivo de desviar Sidarta de um possível caminho espiritual. Sidarta ganhou de presente de casamento com sua prima Yashodora três palácios — um para o verão, um para o inverno e outro para o período das monções ou chuvas.

Naquela época não era estranho que jovens, atormentados pela perversão que os cercava, cessassem as suas atividades, se despedissem da família e dos amigos e abandonassem a vida mundana. Iam viver nos bosques, possuindo apenas uma tigela de madeira com a qual, de tempos em tempos, mendigavam um pouco de comida. Pensavam que o auto-sacrifício e a severa disciplina corporal lhes proporcionaria um momento de sublime percepção, durante o qual, subitamente, lhes seria revelado o segredo do Universo. (EASTMAN, Max in A Paz Interior, Seleções Digest, 1960)

Conta a história, que Sidarta questionou o pai por viver em meio ao luxo e não poder sair do palácio para ver de perto a vida do povo de seu reino. O pai teria respondido que fora do palácio não havia nada de interessante e que o filho tinha tudo o que precisava para viver sem aborrecimentos, o que demonstra paridade com o comportamento das elites do mundo contemporâneo ocidental, tal qual um jovem mimado e protegido, herdeiro de um magnata dos tempos atuais, vivendo isolado em condomínios de luxo fechados e isolados do resto da sociedade, sem contato com sujeitos de outras classes sociais e até mesmo raciais, a não ser os serviços. Mas já

denotando uma personalidade forte e uma inclinação pela busca do conhecimento e da verdade, Sidarta insiste e o rei consente em que ele saia da cidade, não sem antes preparar cenograficamente os arredores para a visita do filho. Assim como ocorreu na Eco 92 no Rio de Janeiro - ou em outros eventos de grande porte que colocam um centro urbano em exposição midiática para todo o país e até mesmo globalmente, com visitas de personalidade e chefes de estado - o reino foi maquiado para a visita ilustre da comitiva real, os mendigos foram recolhidos ou mandados para outras localidades, a sujeira foi escondida atrás de tapumes e um percurso curto e determinado pelas autoridades foi preparado para o grande evento. Rebelde como todo jovem, o príncipe fugiu para ver com os próprios olhos o que ele sabia estar sendo escondido. Acompanhado de seu amo e fiel escudeiro Chandaka, Sidarta se embrenhou pela cidade e nesta ocasião conheceu três coisas que mudariam para sempre a sua vida: a doença, a velhice e a morte.

Não satisfeito com a própria prisão domiciliar proporcionada pela forma de educação que o pai havia escolhido para ele, Sidarta foge mais uma vez. Mas desta, ele abandona a mulher e o filho recém-nascido, rompendo laços afetivos e suas obrigações como herdeiro e príncipe para se embrenhar na floresta e viver como asceta com apenas a roupa do corpo e mendigando uma simples tigela de arroz nas cidade ou bebendo a água da chuva e se alimentando de frutos e brotos que a Natureza pudesse lhe oferecer. Sidarta vive, então, um intenso período de seis anos de contato consigo mesmo e com a Natureza mais primordial, dormindo em grutas e vivendo de forma quase primitiva. Mas é numa conversa com um pescador, integrante de uma comunidade ribeirinha local e um músico que ele escuta a frase: *se a corda da cítara estiver frouxa demais, ela não toca. Se estiver apertada demais, ela arrebenta.*

Uma nova racionalidade ambiental dependerá do concurso ou do consórcio de distintas estratégias, para fragilizar a racionalidade instrumental dominante. São legítimas, portanto, tanto a emergência de novos saberes/fazeres científicos, que dialogam entre si, e também com outros saberes, ligados à tradição dos saberes sociais (adeus à arrogância da divisão elitista da ciência contra as ideologias e as ilusões do saber popular! (LEFF, 2001a, p. 168)

E é nesta troca de saberes populares que Sidarta Gautama subitamente comprehende que o hedonismo e o ascetismo são dois extremos; nem a vida palaciana nem a vida ascética poderiam pôr um fim ao sofrimento ou iluminar a Verdade da vida humana. O ideal é seguir um caminho intermediário, o **caminho do meio** (sânsc. *madhyama-pratipad*), o caminho do despertar. Com este novo foco, Sidarta insiste por mais seis dias de meditação sob a sombra de uma árvore e no 8º dia do 12º mês lunar de 528 a.C., aos 35 anos de idade, Sidarta realiza sua própria **natureza búdica** (sânsc. *buddhata*) e, consequentemente, comprehende o sofrimento, sua causa, sua extinção e o meio para extinguí-lo. Sidarta Gautama alcançou a **iluminação** (sânsc. *bodhi*), e passou a ser conhecido como o **Buda Iluminado**, o **Desperto** (sânsc. *Buddha*), o **Sábio dos Shakyas** (sânsc. *Shakyamuni*).

3.1

Budismo além da religião: educação, filosofia e ciência

Esta questão de categorizar o Budismo é colocada apenas na perspectiva redutora ocidental. Apesar de o budismo ser referido como uma religião, incluindo uma das principais religiões do mundo, essa designação não é unanimidade entre os praticantes do *Dharma*. Por outro lado, os ensinamentos de Buda, não constituem um dogma. Não foram entregues por nenhum ser divino, nem tão pouco Buda tinha quaisquer características da divindade. Trata-se de um homem comum, procedente de um família nobre, que devotou a sua vida à reflexão e à contemplação do mundo e todos os seus ensinamentos resultam do seu empenho e das suas próprias capacidades contemplativas e de observação intelectual. Além do mais, os ensinamentos de Buda, foram analisados, criticados, interpretados e colocados à prova por quase 2600 anos de estudos monásticos e laicos. Os estudiosos do *Dharma* criaram novas escolas que adaptaram os ensinamentos a novas realidades sociais e a novos contextos culturais, em diversos países do Oriente, bem como do Ocidente. O budismo apela às virtudes éticas porque a experiência demonstra que este é o melhor caminho para a felicidade, a justiça e a igualdade sociais. No entanto, a etimologia latina da palavra religião (*religio*), que significa religar, pode fazer com que o budismo seja encarado como uma doutrina que procura (re)ligar a humanidade ao Universo, fazendo de seus praticantes sujeitos dotados de uma consciência planetária. Neste sentido, o budismo constitui-se como uma religião.

Ao seguir a lógica reducionista do pensamento ocidental, além do sentido religioso, o budismo pode ser visto também como ciência. A experiência de Sidarta Gautama em busca da Verdade se dá por observação, análise, comparação e comprovação no próprio corpo e na própria mente para fundamentar seu arcabouço ético-filosófico-educacional. Os ensinamentos do Buda não se restringiam aos campos religioso e filosófico. Por exemplo, não aceitava a estrutura social indiana, que discriminava as pessoas em diferentes castas. De acordo com o Buda, não há castas "superiores" ou "inferiores" porque todos os seres têm a mesma natureza. Ele também

criticou as doutrinas fatalistas que permitiam o abuso de autoridade por parte dos brâmanes, assim como também questionou os costumes sociais, políticos e religiosos de sua época. Buda rejeitava completamente o **sacrifício** (sâncsc. *yajna*) de animais para os deuses e, em seu lugar, pregou a prática da **bondade amorosa** (sâncsc. *maitri*), da **compaixão** (sâncsc. *karuna*) e da **não-violência** (sâncsc. *ahimsa*). Ele era conhecido não apenas pela sua grande compaixão, mas também pela sua disciplina severa e pura, como um grande educador.

Durante 45 anos e até a sua morte, com a idade de 80, este gênio da vontade e do intelecto andou pelo vale do Ganges, levantando-se de madrugada, caminhando cerca de 25 a 30 quilômetros por dia, ensinando generosamente a todas as pessoas, sem esperar por recompensa nem distinguir classes ou castas, o caminho que encontrara para alcançar a felicidade. Não era um agitador e jamais foi molestado pelos sacerdotes a quem se opunha ou por qualquer governante. Era tão famoso e tão estimado que, quando se aproximava de uma cidade, multidões acorriam e juncavam o seu caminho com flores. O objetivo real e triunfante de Buddha consistia em definir corretamente e ensinar uma forma nobre e feliz de viver e morrer neste mundo. (EASTMAN, Max in A Paz Interior, Seleções Digest, 1960)

3.2

O Vinaya Sutra – o cânone com as normas de ética e conduta dos monges budistas

Vinaia (*Vinaya*, uma palavra em páli e sânscrito significando 'educação', 'disciplina') é a base regulatória da comunidade monástica budista ou sanga, baseada nos textos canônicos chamados Vinaia Pitaka. Os ensinamentos do Buda, ou o Budadarma podem ser divididos em duas categorias abrangentes: Darma, ou doutrina, e Vinaia, ou disciplina. Um outro termo pra Budismo é darmavinaia. (wikipedia)

Tornar-se um monge budista significa escolher viver segundo uma série de regras. A questão não é tanto tornar-se monge primeiro e depois aceitar as regras da comunidade mas, ao contrário, é por aceitar tais regras, ou seja, é por querer viver tais regras e através delas ter um ambiente organizado para ajudar a chegar mais rapidamente aos objetivos do caminho, é que se torna um monge. Sábio é o provérbio popular que diz: o hábito faz o monge. Não só o hábito, a vestimenta no caso dos monges católicos, mas sobretudo o habituar-se a ser monge. O monge zen do Centro Zen Eininji no Rio de Janeiro certa vez me declarou em uma conversa privada que escolheu se tornar monge para se obrigar a meditar, pois considera a prática da meditação uma das coisas mais difíceis que há. Desta forma, Alcio, (Eido Soho) Braz, médico e monge zen aceitou as regras monásticas e todo seu arcabouço para criar para si mesmo um ambiente propício, através da ordem e da disciplina, para seguir seu caminho no dharma budista.

As regras que regem a vida dos monges e monjas completamente ordenados foram compiladas no chamado Vinaya Pitaka. Várias escolas budistas antigas preservaram um conjunto do Vinaya até os dias de hoje.

O Cânone budista é chamado de Os **Três Cestos** (sânsc. *Tripiṭaka*, páli *Tipiṭaka*). De acordo com a história tradicional, os ensinamentos de Buda foram compilados logo após a sua morte, durante o primeiro concílio de monges em 483 a.C. O monge Upali teria respondido às questões relativas aos votos monásticos e o monge Ananda teria recitado todos os discursos de Buda. A recitação de Upali constituiu o **Cesto de Disciplinas** (sânsc. e páli *Vinaya Pitaka*), e a recitação de Ananda, o **Cesto de Discursos** (sânsc. *Sutra Pitaka*, páli *Sutta Pitaka*). As questões sobre filosofia, psicologia e metafísica teriam sido expostas por Shariputra, constituindo o **Cesto de Ensinamentos Especiais** (sânsc. *Abhidharma Pitaka*, páli *Abhidhamma Pitaka*).

Originalmente, o Tripitaka era transmitido oralmente. Apesar de o Buda ter ensinado no dialeto do norte da Índia, o magadhi ou ardhamagadhi, os cânones das diferentes escolas seriam escritos em outros idiomas, como o páli, o sânscrito, o prácrito e dialetos indianos antigos. A primeira versão escrita foi a da escola Theravada, registrada em páli sobre folhas de palmeira. Ela surgiu durante o quarto concílio (17 a.C.), no Sri Lanka. Também existem fragmentos do cânones das extintas escolas Sarvastivada e Mahasanghika, escritos em sânscrito e prácrito, além de porções maiores que foram traduzidas para o chinês e o tibetano. A memorização dos discursos de Buda é feita até os dias de hoje por muitos monges, como forma de treinamento na atenção plena.

O Vinaya é composto de três partes. A primeira parte é chamada de Suttavibhanga que contém as 227 regras que são recitadas a cada quinze dias e são chamadas de Patimokkha. A segunda parte é chamada de Khandhaka e contém as regras que regem as questões mais administrativas da vida monástica. A terceira parte, chamada de Parivara, que é uma sistematização posterior dessas regras. O Vinaya parte

de um núcleo de regras originariamente estabelecidas pelo próprio Buda quando em vida e, claro, desenvolveu-se como um organismo vivo até ter sido colocado na escrita, no Sri Lanka. Isto significa que ele possui uma série de adendos e revela adaptações ao longo de tempo e de acordo com as culturas onde se estabeleceu.

Como o Vinaya é uma parte essencial da definição de ser monge, isso resultou que sua correta compreensão se tornasse fundamental para os budistas. Desde seus primórdios, assim, uma série de comentários – inicialmente preservados oralmente – existiram com o fim de guiar os monges. O mais antigo comentário, o *Suttavibhanga*, chegou mesmo a ser incorporado dentro do próprio *Vinaya Pitaka*. Quando o Cânone foi vertido para o meio escrito, esses primeiros comentários também o foram. A partir do quinto século, começaram a ser escritos, manuais destinados a esclarecer os comentários. Muitos chegaram até os dias atuais, mas muitos se perderam também, e somente são conhecidos através de citações em outras obras. A partir do século doze, os subcomentários (*tikas*) começam a ser produzidos, como uma forma ainda mais detalhada de explicar os pontos difíceis deixados em suspenso nos manuais antigos. A isso se deverá acrescentar também manuais locais do Sri Lanka, Tailândia e Birmânia, além de pronunciamentos de juristas, chefes de sangha e troca de correspondência entre monges, formando um grande arsenal de interpretação exegética do Vinaya antigo. O Cânone só viria a ser impresso no século XIX e agora também está disponível em formato eletrônico.

O Vinaya Pitaka contém todos os preceitos e votos para os monges e monjas budistas. Em sua essência maior a moralidade budista, em geral, tem dez objetivos básicos: [1] aumentar a harmonia entre a comunidade monástica e seguidores leigos também; [2] purificar a comunidade monástica, para que seus membros estejam aptos

para conduzir os seguidores leigos; [3] para subjugar as tendências teimosas e egoístas entre todos os budistas; [4] fornecer um meio de arrependimento àqueles que cometeram transgressões e dar a eles uma oportunidade de encontrar paz interior depois disso; [5] dar a todos os praticantes uma oportunidade de permanecer no Dharma e de fazer progresso firme; [6] ajudar aqueles que não têm fé a ter a fé; [7] ajudar aqueles que têm fé a aumentar sua fé, assim como o comprometimento com o budismo; [8] fornecer regras para a fala e comportamento para que todos os budistas tenham meios de se libertar do sofrimento; [9] fornecer meios para que os budistas atinjam a concentração meditativa depois de terem se libertado do sofrimento, e de fornecer os meios para impedir o sofrimento futuro; [10] dar ao budismo uma fundação para que possa existir por um longo tempo.

[O] comportamento ético é outra característica do tipo de disciplina interior que leva a uma existência mais feliz. Ela poderia ser chamada de disciplina ética. Grandes mestres espirituais, como o Buda, aconselham-nos a realizar atos saudáveis e a evitar o envolvimento com atos prejudiciais. Se nossa ação é saudável ou prejudicial, depende de essa ação ou ato ter como origem um estado mental disciplinado ou não disciplinado. A percepção é que uma mente disciplinada leva à felicidade; e uma mente não disciplinada leva ao sofrimento. E, na realidade, diz-se que fazer surgir a disciplina no interior da mente é a essência do ensinamento do Buddha. Quando falo de disciplina, refiro-me à autodisciplina, não à disciplina que nos é imposta de fora por outros. Além disso, refiro-me à disciplina que é aplicada com o objetivo de superar nossas qualidades negativas. (LAMA, Dalai, in *A Arte da Felicidade*, ed. Martins Fontes, Rio de Janeiro, 2003.)

4.

O Vinaya Sutra como um princípio da educação ambiental e os elos com a crise civilizatória contemporânea

Ao se analisar o Vinaya Sutra com atenção, como educadores ambientais e pessoas iluminadas devem ser, é possível perceber que a questão ambiental está no cerne do Budismo, que foi na floresta, sob a sombra de uma árvore, que o príncipe Sidarta Gautama tornou-se, naturalmente, o Buda. É possível ir além e tecer paralelos entre o que disse o Buda educador de dois mil e seiscentos anos atrás e pensadores contemporâneos como Paulo Freire e sua pedagogia da libertação. Que o Budismo tem como proposta a libertação do sofrimento de todos os seres e que a libertação do sofrimento passa pela consciência da ação de não provocar sofrimento ao outro, sendo ele humano ou não-humano, ao assumir o pressuposto de que tudo tem uma causa e que toda ação provoca um resultado; E que tudo (Natureza) e todos (humanos e não-humanos) estão interligados.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em ternos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas . E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. (FREIRE, Paulo in Educação como prática da liberdade, pg 50, ed. Paz e Terra, 1967)

Foi neste sentido, quase freiriano, que o Buda começou a estabelecer as regras que viriam a compor o Vinaya, através da observação da inter-relação dos humanos com a Natureza e entre os humanos entre si. O Vinaya foi e é um organismo vivo, sendo até hoje adaptado às realidades de cada organização monástica. As questões eram colocadas para o Buda e através do diálogo entre seus seguidores estabelecia-se uma regra, de

forma a educar a partir da vivência real das relações entre humanos, não-humanos e Natureza, no sentido sempre pedagógico de aprendizado com a realidade e estabelecimento de uma conduta educativa e/ou corretiva, no sentido que o Budismo encara o correto não como oposição ao errado e sim como a ação correta ser aquela que não produz como resultado o sofrimento em si e ao outro.

Para fazer esta análise este trabalho toma como base o *O Código de Disciplina Monastica Theravada Compilado e explicado por Bhikkhu Ariyesako, um monge da linhagem Theravada da Malásia, publicado em 1998* com tradução para o português lusófono de Ivone Beisert em 2013 (ePub, MOBI AZW3, PDF).

O mais simples, o princípio fundamental que nos leva ao coração do Vinaya é o não-ferir (avihimsa). Este princípio é inseparável da lei natural da condicionalidade, interdependência e inter-relatividade que governa toda a natureza. A crença natural do Vinaya é de que as plantas e mesmo o solo têm direito à vida. Dessa forma, o Buda estabeleceu como norma que destruir ou prejudicar intencionalmente uma planta viva é uma ofensa. Considera-se aí uma ofensa ao Vinaya ou à própria Natureza. Na mesma medida, também seria uma transgressão às normas prejudicar ou destruir sementes férteis ou sementes de frutas ou mudas viáveis. Neste ponto é possível perceber a visão quase científica do Buda com relação à preservação e do sentido primordial da vida como um todo, demonstrando um pensamento e uma conduta muito além do antropocentrismo característico da nossa sociedade contemporânea. Hoje, em plenos anos dois mil, ambientalistas e cientistas focam o ativismo contra as multinacionais dos transgênicos para preservar sementes originais, desenvolvendo “arcas de sementes” em diversos países do globo, numa luta contra o que chamam de apropriação corporativa dos alimentos, através dos transgênicos e da monocultura que desenvolvem sementes menos resistentes às mudanças climáticas e com menor poder de nutrição.

Ainda seguindo a mesma premissa, o Vinaya chega ao requinte de indicar regras de manejo do solo de forma a preservar a terra muito antes de qualquer código ambiental moderno que proíbe a queimada, por exemplo:

Se um monge cavar o solo ou conseguir alguém que o faça, isto é uma ofensa. Cavar, romper a superfície do solo, colocar fogo nele, bater uma estaca no chão são declarados como não permitidos. Se a “terra” for mais pedregulho ou areia do que “terra” para cultura – e não tiver criaturas vivas ali – poderá ser cavada.

O Budismo considera todos os seres em igual importância. Em pali, o idioma indiano, animal é pāno que, literalmente, significa “o que tem respiração”. O Vinaya Sutra explica que isso inclui seres vivos até o tamanho de um percevejo. Em outras partes, os textos proíbem que se mate até mesmo uma formiga. Um dos requisitos dos bhikkhus (monges) é o uso do filtro de água, usado para evitar a matança de criaturas (visíveis) presentes na água de um poço ou riacho. Na prática, isso também leva os monges a tomarem o cuidado extra de cobrir jarras ou mudar regularmente a água para que larvas de mosquitos não tenham a oportunidade de se reproduzirem. O texto diz, literalmente, antecipando a contaminação do lençol freático, de rios, lagos e mares:

Assim, também, verter ou ter vertido nessa água qualquer coisa que irá matar seres vivos ali presentes é uma ofensa.

O Buda se preocupou até mesmo com o vestuário, talvez antecipando em 2.600 anos o consumismo desenfreado e a obsolescência programada dos tempos de agora. A vestimenta básica de um monge naquele tempo era um único manto feito de tecido rejeitado ou sobra de tecidos, tingido com tintas naturais e costurado como uma colcha de retalhos. Os bons tecidos eram raros e caros na Índia e a preocupação do Buda era, além do reaproveitamento de material, que o manto não despertasse inveja ou valesse a pena ser roubado.

Muito antes de se falar em mobilidade urbana o Vinaya Sutra sugere que os monges só devem andar a pé. Naquela época os carros eram carroças puxadas por animais. A proibição, além de evitar o sofrimento animal, incentivava o não sedentarismo. A única possibilidade de um monge usar um veículo seria em caso de doença grave, quando precisaria ser levado rapidamente a um médico a um local distante.

Como um organismo vivo que evolui em coautoria com a sociedade, assim como a própria educação, é possível encontrar nas normas de condutas de mosteiros contemporâneos o mesmo cuidado com as questões ambientais identificados no Vinaya Sutra original.

Reconhecendo que todos nós temos necessidades materiais básicas, resolvemos satisfazê-las sem descarregar coisas repugnantes no planeta ou na sociedade. Estamos plenamente conscientes de como nossa própria acumulação de riquezas pode engendrar a privação de outros. Nós praticamos a partilha dos recursos que estão à nossa disposição e cultivamos um espírito de *Dana* (generosidade). Especialmente nas sociedades que consideram a propriedade pessoal como sagrada, nós nos comprometemos a reconhecer que tudo pertence ao Dharma e que nós somos meros administradores. (normas do mosteiro budista Tailandês)

E também aqui no Brasil, num grande centro urbano, no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, um centro zen-budista incrustado numa ladeira que dá acesso à comunidade carente Pavão-Pavãozinho, monges e praticantes convivem diariamente com moradores e suas questões socioambientais complexas, como a falta de saneamento básico, a violência por parte da polícia e traficantes, a poucos metros de uma praia que é um dos mais famosos cartões postais do mundo, denotando explicitamente o que hoje se considera racismo ambiental. Ali, mesmo no espaço urbano, nestas condições, o convívio é sempre coletivo como deve ser em uma sangha budista, todos que a frequentam se dividem nas tarefas de limpeza e manutenção da casa, sem distinções ou prioridades, tendo em vista sempre o bem estar coletivo de todos os seres que habitam o planeta Terra. O Eininji – Templo do Cuidado Amoroso Eterno - elaborou o seu próprio Manual de Funcionamento (*Komuchô*, em japonês).

Nas refeições nós tomamos a quantidade de alimento que precisamos e comemos tudo. Não deixamos restos nem jogamos comida no lixo. Todas as refeições em Mosteiros, Templos e sesshins são vegetarianas. Nós lavamos nossa própria louça ou tigelas após cada refeição, usando o mínimo de água necessário.

(regra nº 8 do Manual de Funcionamento do Eininji – RJ)

5.

Considerações finais

A partir do exposto podemos considerar que os princípios do Vinaya Sutra podem servir como elementos interessantes para aproximar a educação com a Ecologia Profunda uma vez que pode ser encontrado ali no cânone budista, não apenas conceitos e ideias que mais tarde viriam a ser resgatadas por pensadores e filósofos da segunda metade do século XX, mas, acima de tudo, um arcabouço de proposições práticas com base na vivência e na capacidade de observação e diálogo daquela comunidade, visando o bem estar dos indivíduos, das relações interpessoais, da relação e convivência dos humanos com a Natureza, dos humanos com não-humanos de forma intrínseca e profunda.

Trazer à luz para os tempos atuais, que vivem uma ruptura dessa relação de interdependência entre humanos, não humanos e Meio Ambiente, um código de conduta milenar baseado em princípios filosóficos e práticos humanistas, só pode conduzir ao bem. Resgatar a experiência iluminada de antepassados que tiveram a sabedoria de produzir normas de conduta para o bem viver; Considerando o bem estar próprio e do outro no uso de elementos como a terra e a água, considerando a relação de igualdade perante à Natureza entre humanos e não humanos; Considerando até mesmo as dificuldades emocionais dos seres humanos no que diz respeito aos seus sentimentos mais profundos como inveja e ganância na hora de dividir e compartilhar; Considerando de forma quase premonitória, muito antes do surgimento da sociedade de consumo, questões de uso, reuso e reaproveitamento de vestimentas e utensílios pessoais. Resgatar o Vinaya Sutra original e enxergá-lo à luz do pensamento contemporâneo da Ecologia Profunda pode ser inspirador no

sentido de que possamos sair das trevas dessa crise civilizatória e consumista que acaba por subjugar a Natureza e dizimar espécies sob o pretexto de manter o conforto e as conquistas de uma raça que se considera superior e não produz bem estar a nenhum dos envolvidos na teia intrínseca da vida.

A título de conclusão, o que se pode destacar é que o Buda Shakyamuni – o Buda histórico - nunca pediu crença nem devoção, mas prática – *ehi passiko*, em páli, significa “vem e pratica”. Um modo de vida sustentável, harmonioso e pacífico para todos só é possível nos mesmos moldes do Vinaya Sutra original, através da prática, da escuta do outro, do cumprimento das regras e de um código de conduta como organismo vivo que acompanha as mudanças da sociedade sem perder o foco no cuidado com a Natureza e as gerações futuras.

6.

Referências Bibliográficas

O Código de Disciplina Monastica Theravada Compilado e explicado por Bhikkhu Ariyesako, um monge da linhagem Theravada da Malásia, publicado em 1998 com tradução para o português lusófono de Ivone Beisert em 2013 (ePub, MOBI AZW3, PDF).

Buddhist Monastic Code; Introduction to the Patimokha Rules. © Thanissaro Bhikkhu, Metta Forest Monastery, PO Box 1409, Valley Center, CA 92082, USA.

PDF Manual de Funcionamento do Eininji – Templo do Cuidado Amoroso Eterno, Rio de Janeiro.

LEFF, Enrique, Racionalidad ambiental: la reapropiación social de la naturaleza, Siglo XXI, 2004.

_____, Saber Ambiental, Vozes editora, 2001.

CAPRA, F. A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. Alfabetização Ecológica. São Paulo: Cultrix, 2001.

BOFF, L. Saber Cuidar. Ética do Humano – Compaixão pela Terra. 8^a Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Ética da vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2005

MORIN, E. Saberes Globais e Saberes Locais – O olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro, Garamond, 2000.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro, 2^a edição, Cortez editora, 2011.

LOVELOCK, J. *Gaia: cura para um planeta doente*; tradução Aleph Teruya Eichemberg, Newton Roberval Eichmberg, São Paulo, Cultrix, 2006.

FREIRE, Paulo, *Educação como prática da liberdade*, ed. Paz e Terra, 1967.

LAMA, Dalai. *My Tibet*, Thames and Hudson Ltd., London, 1990, pág. 53-54.
(Traduzido por Marly Ferreira.).

_____ *A Arte da Felicidade*, ed. Martins Fontes, Rio de Janeiro, 2003.

EASTMAN, Max, *A paz interior*, Seleções Digest, 1960.

GOLDSTEIN, Joseph Goldstein, *Dharma – o caminho da liberação*, ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2004.

SAAKI, Ricardo, *O Outro Lado do Espiritualismo Moderno*, ed. Vozes, Petrópolis, 1995.

AVELINE, Carlos Cardoso, *A vida secreta da Natureza – uma iniciação à ecologia profunda*, ed. Bodigaya, Porto Alegre 2007.